

UNICAMP

EVENTO: Georges Garcia
 Coreógrafo Cubano
 VEÍCULO: O Estado de São Paulo
 DATA: 02 de setembro de 1993
 PÁGINA: 03
 SEÇÃO: Caderno 2



DANÇA

Marcos Mendes/AE

Garcia defende fusão de clássico e moderno

O coreógrafo cubano Georges Garcia está em São Paulo para discutir esse conceito de criação contemporânea na dança, em palestras no Masp na próxima semana, dentro da Mostra Gradiente

ANA FRANCISCA PONZIO

Georges Garcia é um cubano naturalizado francês, que formou-se como pedagogo na Rússia, nas escolas do Bolshói e Kirov. Atualmente ele circula pelo mundo, dando assessoria a companhias de dança ou participando dos júris de concursos internacionais. O Lyon Opera Ballet, que acaba de realizar temporada em São Paulo, é um dos grupos que conta regularmente com seu trabalho — em remontagens ou master-classes. Para Garcia, não é possível separar a dança moderna do balé clássico — matéria-prima indispensável à criação contemporânea de qualidade. Esse conceito será discutido nas palestras que ele realizará dias 8 e 9 no Masp, dentro da programação da Mostra Gradiente de Dança. Garcia também está ministrando workshops nas Oficinas Culturais Três Rios.

Ex-aluno de Alicia Alonso, ele exilou-se na França em 1966. A partir de 1976 trabalhou durante três anos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde foi contratado para reorganizar o corpo de baile. No momento, Garcia se divide entre Paris, onde mora, e Lisboa, onde é coordenador e professor da Escola de Dança do Conservatório Nacional da capital portuguesa.

Caderno 2 — Como seria essa aproximação entre clássico e moderno que você vê na dança atual?

Georges Garcia — Na minha opinião não há uma dança clássica ou uma dança moderna. Não se pode separar a arte em caixotes. Apenas

acho que o trabalho de bailarinos e coreógrafos não pode partir do zero. Um resultado rico exige conhecimento profundo de tudo que ocorreu antes. Hoje há muitos fazendo espetáculos para si próprios. Vivemos uma época de especializações.

Caderno 2 — E quem estaria fazendo espetáculo para si mesmo?

Garcia — Não é bom mencionar... Trabalho pelo planeta inteiro e isso pode complicar minha vida. Aqueles que estão no topo podem estar não exatamente pelas suas qualidades intrínsecas. Pode ser por outras razões... Mas qualquer coisa que se faça nesse mundo, sendo boa, continua sendo boa. Nada é bom hoje para amanhã deixar de ser. Ser moderno

o tempo todo é um pouco perigoso. Algo moderno hoje pode deixar de ser amanhã. Acho que antes de ser moderno tem que ter qualidade.

Caderno 2 — Quais as qualidades de um bom coreógrafo?

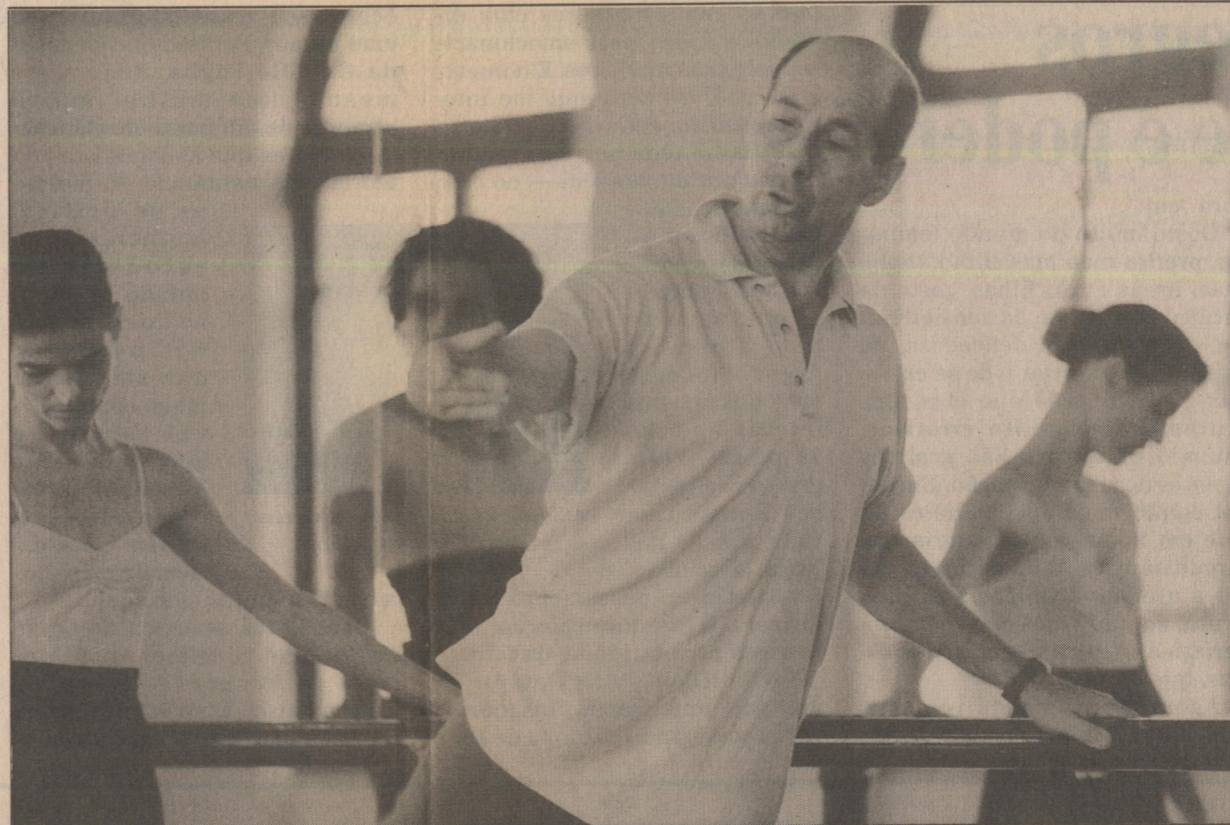
Garcia — Para fazer um bom espetáculo é preciso conhecer uma quantidade de coisas, isto é, tudo que faz parte

do teatro, desde pantomima até o teatro em si. É preciso conhecer teatro clássico e contemporâneo, pintura, escultura, arquitetura, sociologia, e também conhecer o público para o qual vai se dirigir. Tem públicos que têm uma forma de perceber específica, outros que não percebem certas coisas.

Caderno 2 — Ou seja, um bom coreógrafo tem que ser um pensador...

Garcia — Sem dúvida, não há outro jeito.

UM BOM
COREÓGRAFO
TEM QUE SER
UM PENSADOR,
DIZ GARCIA:
'NÃO HÁ
OUTRO JEITO'



Garcia: "Ser moderno o tempo todo é um pouco perigoso. Antes de ser moderno tem que ter qualidade"

Caderno 2 — O que você vê de expressivo no cenário atual?

Garcia — Em dança há duas grandes linhas. Uma corresponde ao trabalho daqueles que possuem um grande conhecimento por trás do que estão fazendo. Outra é a dos que estão fazendo alguma coisa que nem é estetizante mas inútil.

Caderno 2 — Efêmera...

Garcia — Pior que efêmera. É inútil, não provoca nada.

Caderno 2 — Você pode citar um grande coreógrafo contemporâneo?

Garcia — Jiri Kilian é extraordinário, porque é um homem com um background clássico total. Ao mesmo tempo, ele tem conhecimento de dança moderna, que implica em todas as descobertas desde o princípio deste século até agora. Kilian também tem um background de circo, aquilo que todo mundo gosta. Todos gostam do risco, da proeza. Ele possui tudo isso e, além do mais, é um pensador. É um artista que pensa e propõe. Propõe pensamentos, idéias, formas, conceitos.

Caderno 2 — Você acha que já houve uma época mais fértil do que a atual?

Garcia — Não, acho que a dança

tomou um grande impulso no mundo inteiro e há coisas boas e menos boas. Antigamente tudo se reduzia a certas companhias, mas também se fazia coisas que não prestavam. Penso que fertilidade sempre existe.

Caderno 2 — E o bailarino superstar? Está acabando?

Garcia — O superstar não acaba. O que vem acontecendo, de dez anos

para cá — e isso em todas as áreas, do cinema e teatro à música e dança — é que o espetáculo não está tanto para o intérprete mas para aquele que concebe e dirige. É a vez do metteur en scène. Hoje vamos ao cinema para ver um filme de Kurosawa e não determinado ator ou atriz. Vamos ver os balés de Kilian e não os bailarinos de Kilian.



Cena de coreografia de Kilian: o melhor, segundo Garcia

Coreógrafo avalia a produção atual

■ Sobre Pina Bausch:

"Pina Bausch também tem um background clássico. Orfeu e Eurídice, que ela criou em 1975, é deliciosa de bem feita e utiliza muito a técnica clássica. Hoje ela faz coisas mais teatrais, mas sempre com conhecimento do que está fazendo."

■ Os novos coreógrafos:

"Há a palha e o grão misturados, depende de reconhecer o certo em meio à picaretagem. Há gente consistente, como o americano Bill T. Jones. Especialmente na nova dança francesa, penso que há muito mais barulho à volta do que coisas realmente interessantes."

■ O balé em Cuba:

"A maior instituição do país, o Balé Nacional de Cuba, está no momento em Madrid, apresentando um repertório obsoleto, com obras inúteis, que não têm apelo ou novidade. A companhia ainda funciona em torno de uma senhora superstar, que é Alicia Alonso [ela está com 71 anos]. O mais curioso é que os empresários contratam o grupo com a condição de que Alicia dance. Não acho ruim. Alicia é uma curiosidade. Aqueles que já viram querem rever antes que ela não dance mais, aqueles que não a conhecem querem dizer que a viram."

■ O que viu no Brasil desde que chegou:

"Vi o Balé da Cidade de São Paulo e me surpreendi com um pas-de-deux de Luís Arrieta, A Valsa. É muito bom o uso que ele faz da música, gostei do resultado geral." (A.F.P.)

SERVIÇO

A Interdependência das Técnicas — Palestras com Georges Garcia. Dias 8 e 9 de setembro, às 19 h, no Pequeno Auditório do Masp (Av. Paulista, 1.578, ☎ 251-5644). Entrada franca